

PARECER TÉCNICO

Interessado: ONG Olhar Animal

Assunto: Situação referente a elefante macho mantido no Parque Zoológico Municipal Quinzinho de Barros, em Sorocaba, SP, e a possibilidade de sua transferência para o Santuário de Elefantes do Brasil.

1 - INTRODUÇÃO

O presente Parecer Técnico objetiva responder a consulta realizada pela ONG Olhar Animal no que tange à transferência do elefante asiático "Sandro", atualmente alocado no Parque Zoológico Municipal Quinzinho de Barros, em Sorocaba-SP, para o Santuário de Elefantes Brasil, Chapada dos Guimarães-MT.

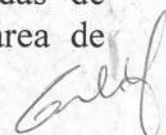
2 - BREVE HISTÓRICO DE VIDA DO ELEFANTE "SANDRO"

Sandro é um elefante macho asiático, pertencente à espécie *Elephas maximus*, e que, segundo registros, nasceu em 1971, chegando ao zoológico de Sorocaba em 1991, proveniente de circo.

Não há informações referentes aos 20 anos que Sandro passou no circo, mas considerando a praxe, é provável que ele tenha servido em espetáculos itinerantes, passando a juventude amarrado a correntes pelas pernas, com pouca liberdade de movimento e submetido à doma à base de punições, castigos físicos, chicotadas, choques, chapas quentes, colocação de cabrestos nos olhos e cilhas no tronco e nas pernas, além de racionamento de alimentos.

No Zoológico de Sorocaba Sandro viveu sozinho de 1991 até 1995, quando a elefanta asiática Haisa (por vezes grafado "Raissa") foi transferida do zoológico do Beto Carrero para lhe fazer companhia. Em 2020, Haisa faleceu em decorrência de artrose e, desde então, Sandro se encontra novamente sozinho.

Sandro, da mesma forma que Haisa, também sofre de artrose severa, possivelmente como resultado das mesmas condições inadequadas de recinto, em que passa cerca de 17 horas diárias confinado à área de cambiamento.



3 – ANÁLISE DO CASO

3.1 - A controvérsia envolvendo os zoológicos

Embora jardins zoológicos alegadamente tenham finalidade científica, conservacionista, educativa e sociocultural, são estes empreendimentos voltados a colecionar poucos exemplares de animais vivos pertencentes ao máximo de espécies possível, com a finalidade de exposição à visitação pública e satisfação da curiosidade de visitantes. São, portanto, empreendimentos voltados ao confinamento de animais, com objetivo principal de entreter seres humanos.

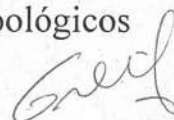
Outras categorias de empreendimentos voltados ao manejo de fauna silvestre em cativeiro, tais como centros de triagem de fauna silvestre, centros de reabilitação da fauna silvestre nativa, criadouros científicos para fins de conservação, criadouros científicos para fins de pesquisa e mantenedouros de fauna silvestre expressamente proíbem a visitação pública, por reconhecerem que esta prejudica significativamente o nível de bem-estar animal e, portanto, o funcionamento dos empreendimentos com respeito às suas respectivas finalidades principais.

Note-se que, embora a mera visitação pública seja proibida no âmbito dos referidos empreendimentos, a visitação controlada, monitorada, de caráter estritamente técnico, didático ou que se presta efetivamente a atender a programas de educação ambiental da rede de ensino formal, ainda é possível também nesses outros empreendimentos de fauna.

Estes empreendimentos funcionam, portanto, de maneira bastante diversa à dos zoológicos, que se constituem mormente em áreas de lazer temáticas para seres humanos, cuja atração principal são os animais vivos expostos, com consequente comprometimento, em maior ou menor grau, de seu próprio bem-estar.

Embora muitos zoológicos, atualmente, tenham atenuado alguns dos problemas mais graves referentes ao bem-estar animal que já vinham sendo detectados há décadas, estas instituições ainda falham em atender às reais demandas dos animais ali aprisionados, o que não escapa à percepção e à sensibilidade do público visitante, que progressivamente vem expressando descontentamento para com a realidade encontrada nos mesmos.

É crescente o entendimento, por parte da opinião pública, de que o aprisionamento de animais selvagens é uma prática cruel e não justificável; também, um olhar um pouco mais atento aos recintos dos zoológicos



evidencia que, a despeito de todas as tentativas de enriquecimento ambiental, as populações de animais cativos em zoológicos ainda expressam frustração, ansiedade e muitas vezes medo.

Ainda há bastante inadequação, por parte dos zoológicos, em reproduzir as condições que as espécies encontrariam na natureza. Estas inadequações envolvem, entre outros, a irremediável limitação de espaço vital¹ e, no caso de espécies gregárias², a privação social, parcial ou total, dos indivíduos, além das questões referentes à exposição pública propriamente dita.

O fluxo constante de visitantes ao zoológico, por si só, se constitui em um dos principais fatores de prejuízo ao bem-estar dos animais expostos. Animais pertencentes a espécies não domesticadas, portanto selvagens, tendem a repelir o jugo humano. A aproximação diária de seres humanos estranhos ao indivíduo frequentemente resultam, para os animais em cativeiro, em neuroses, apatia, manifestação de comportamentos estereotipados, manifestação de comportamento agressivo não justificado, diminuição na capacidade de resposta imune e outras doenças.

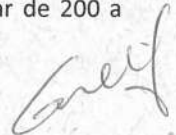
Percebendo a crescente rejeição destes empreendimentos pela opinião pública os zoológicos têm trabalhado sua imagem, tentando se apresentar não mais como meros colecionadores e expositores de animais, mas com uma nova roupagem, de instituições que desempenhar importante papel na educação ambiental, conservação, pesquisa, etc.

Há, sem embargo, que se questionar o real papel destas instituições na educação ambiental, visto que a exposição de animais aprisionados em cativeiros que pouco simulam seu ambiente natural pode levar à conclusão, por parte dos observadores, de que animais selvagens não necessitam ser mantidos em seus ambientes naturais, diferentemente, podem ser mantidos em cativeiro para exposição pública. Neste sentido, o propósito de educação ambiental poderia resultar no efeito reverso, reafirmando o já recorrente conceito do antropocentrismo, um anacronismo que vem sendo crescentemente rejeitado em nossa sociedade.

Similarmente, embora muitos zoológicos efetivamente participem de programas de conservação *ex situ*, especialmente para espécies ameaçadas de extinção, o alcance de sua participação é bastante limitado, visto que

¹ Espécies como elefantes, quando em vida livre, percorrem dezenas de quilômetros diariamente, forrageando vegetação nativa e buscando fonte de água. Dependendo da qualidade dos recursos encontrados no habitat, a área de vida de um único elefante asiático selvagem pode variar de 200 a 1.000 quilômetros quadrados.

² Elefantes podem viver em manadas constituídas de até 30 animais, a maioria fêmeas.



zoológicos possuem poucos indivíduos de cada espécie, sendo a demanda para estes programas de um número maior de indivíduos, com o objetivo de manter viabilidade da população por meio da variabilidade genética.

Devido às suas características particulares (poucos espécimes pertencentes a muitas espécies), zoológicos não são instituições apropriadas para manter populações adequadas de espécies animais que necessitam ser recuperadas. O plantel total de elefantes espalhados por zoológicos do Brasil, cerca de 20 indivíduos, não seria suficiente para manter um programa viável de conservação da espécie, mesmo que alguma fêmea ainda estivesse em idade reprodutiva (o que não é o caso).

Adicionalmente, a própria visitação pública é fator que pesa contra o sucesso reprodutivo dos animais em exposição. É notável que a Prefeitura de Sorocaba alegue a intenção de uso de Sandro em programa reprodutivo, pois em 25 anos em que os elefantes Sandro e Haisa dividiram o mesmo recinto no zoológico, estes jamais se reproduziram.

Com efeito, Sukumar³ observa que elefantes em condições estritas de cativeiro apresentam baixas taxas de natalidade e alta taxa de mortalidade, sendo esta uma das causas de declínio de populações da espécie.

A exposição dos animais ao público visitante, em si, inibe sua reprodução ou os cuidados parentais, e com frequência o sucesso reprodutivo de animais silvestres e exóticos depende do isolamento das matrizes em áreas reservadas.

Observe-se este caso histórico recente: Com a pandemia causada pelo novo coronavírus os zoológicos suspenderam a visitação pública, e este isolamento forçado dos animais em relação aos visitantes deu origem a um verdadeiro *baby boom*:

No zoológico de Qalqilya, na Judeia e Samaria, a ausência de humanos aumentou a taxa reprodutiva dos animais em três vezes⁴. A privacidade do isolamento levou até mesmo pandas gigantes a acasalam no Ocean Park, em Hong Kong, feito que vinha sendo tentado há 10 anos. A probabilidade de gravidez mediante reprodução natural é muito mais alta do que por inseminação artificial⁵.

³ Sukumar, R. (2003). *The Living Elephants: Evolutionary Ecology, Behavior, and Conservation*. Oxford University Press. ISBN 9780195107784.

⁴ <https://entretenimento.r7.com/pop/zoologico-palestino-registra-alta-em-nascimentos-de-animais-apos-sumico-de-visitantes-12062020>

⁵ <https://olharanimal.org/pandas-acasalam-durante-isolamento-apos-10-anos-e-provam-que-zoologicos-tem-que-acabar/>

Há que se considerar, especialmente, que a reprodução em cativeiro por si só não tem potencial para salvar uma espécie, pois muitos dos animais são consanguíneos, doentes ou possuem perfil genético inadequado em relação aos seus pares na natureza, podendo sua reintrodução enfraquecer as populações selvagens, ao invés de fortalecê-las.

Além disso, os poucos programas bem sucedidos de recuperação de populações encontram dificuldade em reintroduzir os indivíduos gerados, especialmente devido à degradação e fragmentação de habitats selvagens e aos constantes conflitos com fazendeiros locais. “Salvar” essas espécies da extinção pode significar manter uma pequena população perpetuamente em cativeiro.

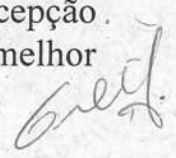
Seria muito mais produtivo, ao invés de se investir na conservação *ex situ*, se investir na salvaguarda dos habitats em que a espécie ocorre, na manutenção do funcionamento dos ecossistemas e na identificação e minimização das pressões realizadas sobre ela, de modo a garantir sua sobrevivência em longo prazo.

Ademais, outras considerações dizem respeito ao papel dos zoológicos no recebimento de animais apreendidos do tráfico ou de particulares, de entregas voluntárias, sobreviventes de acidentes ou oriundos de outras instituições que os exploravam. Seguramente, muitos destes animais não possuem condições de serem reabilitados à vida em ambiente selvagem, o zoológico lhes serviria, pois, como refúgio.

Todavia, considerando seu propósito primário de exposição, não há interesse do zoológico em receber e manter muitos exemplares de uma mesma espécie, assim, animais pertencentes a espécies mais raras ou ainda não constituintes de seu plantel têm maiores chances de serem admitidos em suas dependências do que animais cujos números já sejam abundantes na instituição. Não são, por conseguinte, instituições realmente voltadas a dar solução para este problema específico, prestando o serviço apenas em alguns casos específicos.

3.2 - A alternativa pelos santuários de animais

Exceto pela atividade de entretenimento do público, que é a especialidade dos jardins zoológicos, estas demais finalidades alegadas, de promover a pesquisa científica, o conservacionismo, a educação ambiental e a recepção de animais selvagens são ou poderiam ser desempenhadas com melhor



êxito por outras categorias de empreendimentos voltados ao manejo de fauna silvestre em cativeiro.

Centros de triagem de fauna silvestre são empreendimentos voltados a receber, identificar, marcar, triar, avaliar, recuperar, reabilitar e destinar animais silvestres provenientes da ação de fiscalização, resgates ou entrega voluntária de particulares; os centros de reabilitação da fauna silvestre desempenham as mesmas funções, mas visam a manutenção e reabilitação de espécimes da fauna silvestre nativa para fins de programas de reintrodução no ambiente natural.

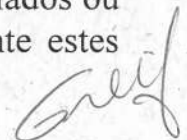
Em ambos os casos o recebimento, a recuperação e a reabilitação dos animais são atividades fim destes empreendimentos, não havendo interesse na manutenção de animais por motivos comerciais ou meramente para atender à curiosidade do público visitante. Animais que porventura chegam a estas instituições em condições de serem reintroduzidos efetivamente o serão, afirmação que não pode ser feita em relação aos jardins zoológicos.

Criadouros científicos para fins de conservação são empreendimentos especialmente projetados para manter e reproduzir espécies da fauna nativa, preferencialmente as ameaçadas de extinção, com objetivo de auxiliar em programas de conservação *ex situ*, bem como produzir espécimes vivos destinados aos programas de reintrodução e recuperação dessas espécies na natureza.

São empreendimentos frequentemente organizados de forma a poderem receber grande número de indivíduos pertencentes a alguns poucos grupos taxonômicos específicos e, por este motivo, eles objetivam manter populações viáveis dessas espécies de maneira a promover a reprodução evitando a consanguinidade. Ainda, são empreendimentos que raramente recebem visitantes externos, o que resulta em melhores taxas reprodutivas do que seriam obtidas em zoológicos. Ademais, sua equipe técnica tende a ser especializada naquele grupo de animais. São, a vista disso, empreendimentos mais efetivos do que zoológicos no que diz respeito a este propósito conservacionista.

Criadouros científicos para fins de pesquisa, igualmente, por se especializarem em grupos taxonômicos ou fauna específica de determinada região se prestam melhor à finalidade científica do que jardins zoológicos.

Finalmente, mantenedouros de fauna silvestre são mais funcionais em manter por tempo indeterminado animais que não podem ser repatriados ou reabilitados para a vida na natureza porque, embora eventualmente estes



possam receber visitas, estas são monitoradas e bastante limitadas, pouco afetando nesse aspecto o bem-estar dos animais abrigados.

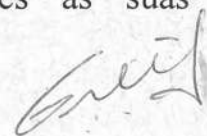
Estes empreendimentos cumprem, adicionalmente, melhor papel na educação ambiental, visto que não intentam o entretenimento de seres humanos nem objetificam os animais como mero acervo de coleção. Os visitantes que acorrem a estas instituições acabam por compreender que os animais ali estão por motivos circunstanciais, mas que seu lugar ideal seria em seus respectivos ambientes naturais.

Jardins zoológicos objetivam satisfazer a curiosidade do público, daí a necessidade de se manter um plantel bastante diverso em termos de espécies, com pouco número de indivíduos de cada uma. Embora uma preocupação experimentada por algumas dessas instituições, nos últimos anos, com respeito à melhoria no bem-estar animal, não são instituições especializadas nas espécies que albergam, sua equipe técnica e de tratadores muitas vezes não possuem treinamento ou experiência para entender e avaliar o comportamento de cada espécie, nem podem suprir satisfatoriamente muitas de suas necessidades.

Estes outros empreendimentos de fauna citados, por outro lado, frequentemente são especializados em grupos taxonômicos de animais ou na reprodução de guildas ecológicas específicas, otimizando sua estrutura para melhor atender às necessidades dos animais envolvidos, assim como potencializando suas atividades de manejo. O conjunto destes outros empreendimentos de fauna pode ser conhecido como “Santuários de Animais” ou “Santuários Ecológicos”, embora para efeito de licenciamento esta qualificação não tenha, ainda, reconhecimento.

Tais santuários, a despeito da denominação legal que recebam, são devidamente licenciados e fiscalizados pelos órgãos ambientais competentes, consoante a atividade a que se prestam.

Cumpre, no entanto, esclarecer que nem todos os empreendimentos licenciados como centros de triagem de fauna silvestre, centros de reabilitação da fauna silvestre nativa, criadouros científicos para fins de conservação, criadouros científicos para fins de pesquisa e mantenedouros de fauna silvestre poderão ser considerados “santuários de animais”, devendo estes cumprir determinados requisitos referentes às suas finalidades e filosofias que seguem.



3.3 – O Santuário de Elefantes do Brasil

O Santuário de Elefantes Brasil - SEB, localizado na Chapada dos Guimarães, em Mato Grosso, é empreendimento devidamente licenciado pelo órgão ambiental competente, desde 2013, como mantenedouro de fauna silvestre, posteriormente havendo alterado sua categorização para criadouro científico para fins de pesquisa. Ele está vinculado à *Global Sanctuary for Elephants* e à *Elephant Voices*.

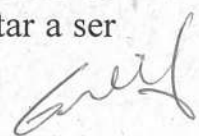
O Santuário de Elefantes foi concebido como uma forma de cativeiro que mimetiza condições próximas às que os elefantes encontrariam em seus habitats e tem por missão proteger, resgatar e prover um santuário de ambiente natural para os elefantes em cativeiro, muitos deles com longo histórico de exploração em espetáculos itinerantes e zoológicos.

Nestes ambientes, devidamente cercados para evitar a saída dos elefantes e a entrada de animais e pessoas indesejáveis, mas ao mesmo tempo planejados de modo a permitir a continuidade do corredor ecológico para as espécies locais, os elefantes encontram um cenário natural e diverso em termos de vegetação, topografia, solo, etc. em um clima próximo ao que suas espécies encontrariam na Ásia ou na África.

O santuário dispõe de uma área total de mais de 1.100 ha (dividido em alguns módulos) ambiente espaçoso e rico, no qual os animais podem se exercitar e socializar com outros de sua própria espécie, pastar livremente, forrageando uma variedade de vegetação nativa nutritiva, repleta de folhagens, galhos, cascas de árvores e frutos silvestres, e que suprirá grande parte de suas necessidades alimentares diárias, além de desfrutar de água em abundância de diferentes fontes naturais, rios e lagos onde podem se banhar e lodaçais, nos quais podem rolar na lama, conforme sua vontade e suas necessidades.

Embora no santuário os elefantes possam viver de forma bastante autônoma, eles não deixam de contar com a segurança, proteção, cuidados veterinários, acompanhamento de biólogos, suporte nutricional, acompanhamento individualizado e outros benefícios, proporcionados para que estes possam se readaptar ao ambiente natural e se livrar dos traumas sofridos nos anos de cativeiro.

Trata-se, pois, da melhor experiência possível para indivíduos que foram abusados em circos e posteriormente confinados em pequenos recintos de zoológicos. Santuários são locais onde elefantes cativos podem voltar a ser elefantes.



Neste sitio eletrônico (<http://santuariodeelefantes.org.br/f-a-q/>) é possível se sanar as dúvidas mais frequentes referentes à natureza do Santuário de Elefantes, assim como à forma como os animais são adaptados e integrados à manada, já levando em conta aspectos referentes à questão do gênero.

3.4 - O caso específico de Sandro no Zoológico de Sorocaba

Conforme já mencionado, há uma crescente percepção da opinião pública de que a manutenção de animais selvagens em cativeiro se configura em ato de crueldade inerente. Contudo, muitos dos animais retirados há muito tempo da natureza ou os nascidos em cativeiro podem não ter mais a possibilidade de ser reabilitados à vida livre, quanto mais no que se refere a animais silvestres exóticos oriundos de outros continentes, que necessitariam, além disso, de repatriação.

Há, destarte, uma situação factual com a qual se lidar. Já há um certo consenso, mesmo com os defensores dos zoológicos, de que a captura de novos indivíduos na natureza para compor as coleções de animais vivos não se justifica ética e moralmente. Não obstante, qual o melhor desenlace para a situação dos animais que já se encontram cativos? No caso concreto dos elefantes, cuja repatriação e reabilitação após anos, e mesmo gerações de cativeiro, se mostra inexequível, qual medida adotar que vise o melhor, considerando o interesse do indivíduo animal, independente de interesses humanos políticos ou financeiros envolvidos?

Não houvesse alternativas, os zoológicos seriam a única opção possível, malgrado sua inadequação em suprir os indivíduos com suas necessidades. Não obstante, há efetivamente alternativa bastante melhor que os zoológicos, pois vejamos:

No Parque Zoológico Municipal Quinzinho de Barros, o recinto destinado aos elefantes possui área alegada pela prefeitura⁶ de 3.300 m² (embora o CRMV-SP⁷ informe tratar-se de 2.100 m²).

Mas grande parte do dia, das 16:30 h da véspera até as 09:30 h do dia seguinte, Sandro passa confinado na área de cambiamento, o que possivelmente explica seu quadro reumático, de osteoartrite severa.

⁶ Amorim, R.; Poranga, B.N.; Donida, L.; Moraes, V.L.O.; Mergulhão, M.C. O caso Sandro: elefante asiático (*Elephas maximus*) no Zoológico Municipal de Sorocaba Quinzinho de Barros. Relatório Técnico Preliminar. Sorocaba. Março de 2022.

⁷ <https://crmvsp.gov.br/recinto-para-animais-do-zoologico-de-sorocaba-e-modelo/>



Áreas de cambiamento para elefantes são, geralmente, ambientes fechados, pouco arejados, apertados, escuros, úmidos, com piso de concreto, sem escoamento de dejetos líquidos, onde a cama, o alimento e a urina se misturam. Sandro passa cerca de 17 horas diárias nesse ambiente.

Artrite e artrose nos pés de elefantes asiáticos estão entre os principais problemas de saúde observados nesses animais em cativeiro no mundo ocidental^{8,9,10} e tais problemas decorrem de prática insuficiente de exercícios ou ficar em pé em superfícies duras (como pisos de concreto), ou do contato constante das patas com excremento, urina e umidade^{11,12,13,14,15}

Há possibilidade de que o próprio comportamento estereotipado, com a transferência repetitiva de peso, de uma perna para outra, estando o animal parado, preso na área de cambiamento, tenha levado à deterioração das cartilagens das patas e seja a causa das doenças reumáticas em Sandro, Haisa e tantos outros elefantes.^{16,17,18}

⁸ Fowler ME 2001 **An overview of foot conditions in Asian and African elephants**. In: Csuti B, Sargent EL and Bechert US (eds) *The Elephant's Foot: Prevention and Care of Foot Conditions in Captive Asian and African Elephants* pp 3-7. Iowa State University Press: Ames, USA

⁹ Houck R. **Veterinary care of performing elephants**. In: Fowler ME, Miller RE, editors. *Zoo, and Wild Animal Medicine Current Therapy*. St. Louis, MO: Saunders; 1993. p. 453-4

¹⁰ Schwammer HM. Elephant husbandry and foot care at the Schonbrunner Tiergarten, Vienna. In: Csuti B, Sargent EL, Bechert US, editors. **The Elephant's Foot: Prevention and Care of Foot Conditions in Captive Asian and African Elephants**. Ames, IA: John Wiley & Sons; 2001. p. 69-71

¹¹ Dimeo-Ediger N 2001 **Results of a survey of elephant foot condition and care in North America**. In: Csuti B, Sargent EL and Bechert US (eds) *The Elephant's Foot: Prevention and Care of Foot Conditions in Captive Asian and African Elephants* pp 153. Iowa State University Press: Ames, USA

¹² Lewis KD, Shepherdson DJ, Owens TM and Keele M 2009 **A survey of elephant husbandry and foot health in North American zoos**. *Zoo Biology* 28: 1-16.

¹³ West G. **Musculoskeletal system**. In: Fowler ME, Mikota S, editors. *Biology, Medicine, and Surgery of Elephants*. Ames, IA: John Wiley & Sons; 2006. p. 263-70.

¹⁴ Luikart KA, Stover SM. **Chronic sole ulcerations associated with degenerative bone disease in two Asian elephants (*Elephas maximus*)**. *Journal of Zoo and Wildlife Medicine*. 2005; 36(4):684-8. PMID: 17312727

¹⁵ Miller MA, Hogan JN, Meehan CL (2016) **Housing and Demographic Risk Factors Impacting Foot and Musculoskeletal Health in African Elephants [*Loxodonta africana*] and Asian Elephants [*Elephas maximus*] in North American Zoos**. *PLoS ONE* 11(7): e0155223. doi:10.1371/journal.pone.0155223

¹⁶ Gruber TM, Friend TH, Gardner JM, Packard JM, Beaver B and Bushong D 2000 **Variation in stereotypic behavior related to restraint in circus elephants**. *Zoo Biology* 19: 209-221. [http://dx.doi.org/10.1002/1098-2361\(2000\)19:3<209::AID-ZOO4>3.0.CO;2-7](http://dx.doi.org/10.1002/1098-2361(2000)19:3<209::AID-ZOO4>3.0.CO;2-7)

¹⁷ Elzanowski A and Sergiel A 2006 **Stereotypic behavior of a female Asiatic elephant (*Elephas maximus*) in a zoo**. *Journal of Applied Animal Welfare Science* 9: 223-232. http://dx.doi.org/10.1207/s15327604jaws0903_4

¹⁸ Fowler ME 2006 Foot disorders. In: Fowler ME and Mikota SK (eds) **Biology, Medicine, and Surgery of Elephants** pp 217-261. Blackwell Publishing: Ames, USA. <http://dx.doi.org/10.1002/9780470344484.ch20>

Gruber

Haspeslagh e colaboradores¹⁹ mencionam estudos que mostram que um elefante forrageando em vida livre, mesmo com todas as atividades que envolvem caminhadas, ascensões e descensões, transferiria o peso entre pernas cerca de 4 vezes menos do que um elefante cativo parado, apresentando comportamento estereotipado.

Além disso, no comportamento estereotipado, o deslocamento do peso do animal passa, por exemplo, do pé esquerdo para o direito, e deste para trás, ou seja, dos dedos em direção ao calcanhar do animal. Este movimento representa o contrário do que seria a caminhada natural, onde o peso do calcanhar é transferido para os dedos²⁰. É possível que a repetição deste movimento antinatural contribua para que elefantes em cativeiro apresentem tantos problemas articulares, o que é um problema muito menos frequente em elefantes em vida livre.

O zoológico poderia se empenhar em corrigir muitas dessas falhas estruturais e de manejo simplesmente aumentando o recinto do Sandro, alterando a textura do piso, proporcionando melhor enriquecimento ambiental, deixando de confiná-lo tantas horas diárias na área de cambiamento, ou proporcionando-lhe tratamentos especializado para as patas, no entanto, mesmo esse esforço não supriria importantes aspectos da biologia dos elefantes que o zoológico não supre, e jamais poderá fazê-lo.

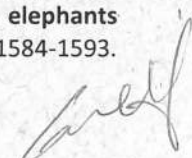
3.5 – Da possibilidade de adaptação de Sandro ao Santuário de Elefantes do Brasil

Caso seja transferido para o Santuário de Elefantes do Brasil Sandro será imediatamente introduzido em uma área de 40.000 m² que será futuramente expandida para 600.000 m² (área esta destinada apenas aos elefantes asiáticos machos).

Contrapondo possíveis preconceitos que podem vir a ser aventados, o fato de Sandro haver passado toda a sua existência confinado à exígua área de seu recinto no zoológico e já manifestar quadro severo de osteoartrite não depõe contra sua transferência a um espaço mais amplo e de terreno mais complexo, como a área do Santuário.

¹⁹ Haspeslagh, M.; Stevens, J.; Groot, E.; Dewulf, J.; Kalmar, I.; Moons, C. 2013. A survey of foot problems, stereotypic behaviour and floor type in Asian elephants (*Elephas maximus*) in European zoos. *Animal Welfare (South Mimms, England)*. 22: 437-443. 10.7120/09627286.22.4.437.

²⁰ Panagiotopoulou O, Pataky TC, Hill Z and Hutchinson JR 2012 Statistical parametric mapping of the regional distribution and ontogenetic scaling of foot pressures during walking in Asian elephants (*Elephas maximus*). *The Journal of Experimental Biology* 215: 1584-1593. <http://dx.doi.org/10.1242/jeb.065862>



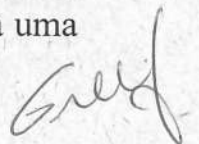
Pelo contrário, tomando como exemplo casos de animais da mesma espécie com situações patológicas bastante mais severas, o histórico mostra que a transferências de elefantes confinados sobre piso duro para áreas protegidas mais abertas, com acesso a substratos naturais, com solo de diferentes texturas, areia, ondulações na topografia do terreno, a possibilidade de entrar em rios, lagos, poças de lama e a possibilidade de exercer atividades recreativas com outros de sua espécie (para o caso de animais que permitem pareamento) resultaram em um perceptivo e rápido reestabelecimento físico destes, com ganho de massa muscular, melhoria nas condições das articulações e na saúde geral, mesmo em animais idosos.

No jardim zoológico Sandro recebe alimentos específicos em horários específicos do dia, porém no santuário de elefantes este poderá forragear livremente a vegetação nativa por até 20 horas por dia, tal qual ocorre com elefantes em vida livre. Nessas condições, o elefante teria a oportunidade de acesso a itens alimentares tão diversos que não poderiam ser proporcionados pelo zoológico, possibilitando uma maior diversificação em sua alimentação.

Importante reiterar que tal condição de liberdade jamais deverá ser confundida com abandono, pois mesmo nessa ampla área Sandro continuará recebendo tratamento veterinário e todo o suporte necessário para seu bem estar. Por exemplo, além do acesso à vegetação nativa presente neste ambiente natural, o que lhe conferirá maior autonomia em termos de alimentação, Sandro, assim como outros elefantes já presentes no Santuário de Elefantes do Brasil – SEB, receberá também diariamente grande quantidade de feno tifton, aveia, melaço de cana, frutas e legumes comerciais e diversas folhagens naturais.

Pode-se afirmar que, no SEB, Sandro não dependerá de qualquer forma de enriquecimento ambiental artificial para contornar as mazelas do cativeiro, à semelhança daquilo que é tentado em zoológicos, porque embora o santuário também seja uma forma de cativeiro, os animais ali vivem mais à semelhança daquilo que experimentariam caso vivessem em vida livre, em seu ambiente natural.

É dispensável, assim, no santuário, a necessidade de se fornecer artificialmente aos elefantes estímulos sensoriais, desafios para obter alimentos, brinquedos ou outros recursos do gênero, porque vivendo soltos nessa ampla área aberta, Sandro poderá explorá-la com seus sentidos, sentir seus diferentes odores, escutar seus diferentes sons, tocar suas diferentes texturas, experimentar a cada dia novos alimentos, observar a cada dia uma



nova paisagem. O próprio ambiente se encarregará de fornecer, naturalmente, a cada hora do dia e de modo diferente daquilo que é fornecido pelo zoológico, os estímulos requeridos por Sandro.

3.6 – Do processo de realocação de Sandro ao Santuário de Elefantes

As considerações primordiais que pesam sobre a transferência do elefante desde o zoológico até o Santuário de Animais residem sobre o fato de se tratar de animal de idade já avançada e gozando condições de saúde já precárias, que poderia sofrer estresse no manejo e dores físicas no traslado de longas distâncias.

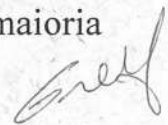
Estas são, porém, preocupações que devem ser afastadas, primeiramente porque não se pode perder de vista que Sandro esteve se apresentando em espetáculos circenses itinerantes por praticamente duas décadas, havendo grande probabilidade de este já estar acostumado ao transporte a distâncias.

Ademais, a despeito de sua fundação relativamente recente, o Santuário de Elefantes do Brasil possui equipe altamente especializada neste tipo de operação logística, possuindo extensiva experiência prévia e longo histórico de realização de traslados de elefantes a longas distâncias, tanto nos Estados Unidos como em relação a movimentações transfronteiriças.

Mesmo no Brasil, o SEB já realizou operações por distâncias maiores que os menos de 1.500 km que separam o Parque Zoológico Municipal Quinzinho de Barros, em Sorocaba-SP do Santuário de Elefantes, na Chapada dos Guimarães-MT.

Por exemplo, a elefanta Maia foi transportada por uma distância de mais de 1.600 km, desde o sítio onde estava em Paraguaçu-MG até o santuário, lá chegando em 11 de outubro de 2016; a elefanta Rana foi transportada por 2.700 km, desde um hotel fazenda em Aracaju-SE até o Mato Grosso, chegando ao santuário em 21 de dezembro de 2018; Lady foi transportada por cerca de 3.300 km, desde o Parque Arruda Câmara (Bica), em João Pessoa-PB, chegando ao santuário em novembro de 2019; Mara foi transportada desde Buenos Aires, chegando ao santuário em 13 de maio de 2020, cruzando uma distância de mais de 2.750 km. Bambi foi transportada desde o Bosque e Zoológico de Ribeirão Preto até o Santuário por cerca de 1.240 km, lá chegando em 26 de setembro de 2020.

Importante frisar que muitos destes elefantes transportados pelo Santuário de Elefantes possuíam idade próxima ou superior à de Sandro, e a maioria



gozava de condições de saúde inferiores a que ele possui atualmente e que em todas estas operações, os elefantes chegaram ao Santuário, sãos e salvos, e nas mesmas condições de saúde que se encontravam no início da jornada, rapidamente se adaptando ao ambiente do Santuário.

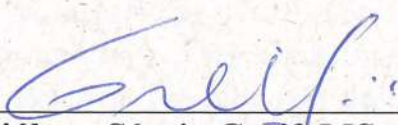
Cabe informar que o SEB obedecerá rigorosamente ao “Plano de Transporte - Elefante Sandro”, documento elaborado em 16 de março de 2021 e apresentado à Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Sorocaba, onde o bem estar e a segurança de Sandro é uma prioridade.

Ainda, há que se considerar que, não obstante eventuais desconfortos passageiros que poderão ser, hipoteticamente, experimentados por Sandro durante o transporte, isto será certamente recompensado pela experiência de poder viver, pelo restante de sua vida em ambiente espaçoso, similar ao natural.

4 - CONCLUSÃO

Diante do exposto, e considerando o bem-estar de Sandro como prioridade na recomendação, julgamos que seja mais adequado que o mesmo seja, de imediato, transferido do Parque Zoológico Municipal Quinzinho de Barros, em Sorocaba-SP, para o Santuário de Elefantes Brasil, Chapada dos Guimarães-MT.

Este é o parecer.



Biólogo Sérgio Greif, MSc.
CRBio 26.797-01

São Paulo, 06 de Abril de 2022